

NEI LOPES, ARTISTA ENGAJADO, INTELLECTUAL DA DIÁSPORA AFRICANA

Dr. José Rivair Macedo
Doutor em História Social (USP)
Professor titular (IFCH-UFRGS)
jrivair@uol.com.br

Magnífico Reitor, Prof. Dr. Rui Vicente Opperman, Senhora Diretora Diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Profa. Dra. Cláudia Wassermann, senhores e senhoras membros do Conselho Universitário, autoridades e representações sociais, prezados colegas docentes, servidores técnico-administrativos, discentes, prezadas senhoras e prezados senhores, demais pessoas presentes. Neste que é o derradeiro dia do Novembro Negro na UFRGS, esta homenagem pública é uma incumbência de grande responsabilidade, e desde já agradeço ao DEDS-PROEXT-UFRGS e ao NEAB-UFRGS pelo apoio. Sinto-me honrado de ter merecido a confiança da direção do IFCH para propor, acompanhar e agora participar diretamente desta que é uma importantíssima iniciativa de nossa Universidade: a concessão do título de *Doutor Honoris Causa* ao compositor, poeta, contista, romancista, ensaísta e pesquisador Nei Lopes – que muito nos enche de orgulho por ter aceitado a honraria e estar aqui conosco, acompanhado de sua esposa, a Sra. Sonia Regina Carvalho Brilhante.

Lembro-me da primeira vez, há alguns anos, quando meu colega de Departamento, Prof. Luiz Dario Teixeira Ribeiro (aqui presente), sugeriu a ideia, verdadeiramente subversiva, de nossa Universidade conceder o título de Doutor Honoris Causa ao sambista Nei Lopes. Ideia subversiva porque isto representaria a reparação de uma grande injustiça do meio acadêmico de nosso país: a desconsideração sistemática da contribuição intelectual qualificada, densa e original que Nei Lopes legou ao Brasil ao longo de pelo menos quatro décadas de incansável, denso e incessante trabalho de criação ficcional, pesquisa e divulgação de ideias acerca do lugar diferencial dos negros e negras em nossa sociedade.

Com efeito, nosso homenageado protagoniza uma brilhante trajetória pública como homem das artes, das letras e do pensamento, sem ter até pouco tempo nos meios acadêmicos o reconhecimento que sua sólida obra merece. Durante muitos anos o nome dele não aparecia na bibliografia indicada em nossos cursos universitários de Ciências Sociais, História, Letras e Artes. Entretanto, não há quem tenha se comprometido com uma visão social crítica que desconheça o papel seminal de seus livros. Sem medo de errar, diríamos que tais obras inspiraram e fundamentaram a ação de uma geração inteira de militantes negros engajados na luta antirracista, a pleitear reconhecimento, afirmação e valorização em um país que os mantinha na invisibilidade, no esquecimento.

Por isto, lembrar o valor e o aporte dessa obra, aqui, hoje, não deixa de ser um ato de reparação, e nesse sentido está carregado de simbolismo – sobretudo em um momento tão reacionário pelo qual estamos passando, em que as garantias sociais e direitos humanos arduamente conquistados encontram-se em risco!

Mas quem é Nei Lopes? O que caracteriza a sua vida pública, sua obra e suas realizações? O que a outorga desse título de Doutor Honoris Causa pode representar para ele e para aqueles a quem ele representa aqui, agora?

Nei Braz Lopes nasceu em 9 de maio de 1942. É o caçula dos doze filhos do pedreiro Luiz Braz Lopes e da dona de casa Eurydice de Mendonça Lopes, de uma família humilde do subúrbio de Irajá, na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1953, aos onze anos, foi admitido na Escola Técnica Visconde de Mauá. Ali aprendeu a desenhar e conheceu o mundo da poesia ao escrever no jornal dos estudantes. Anos depois, em 1966, obteve o título de bacharel em Direito e Ciências Sociais na Faculdade Nacional de Direito, da antiga Universidade do Brasil – atual UFRJ.

Em sua carreira, é autor de mais de 30 livros publicados, entre os quais contam romances, coletâneas de contos, crônicas, poemas, ensaios, livros paradidáticos e obras de referência, alguns traduzidos na África (Benin), nos Estados Unidos e na Europa (Reino Unido). Como ensaísta e pesquisador, vem investigando, em caráter autodidata, as culturas africanas e as culturas negras do Brasil e das Américas. Seu nome liga-se, igualmente, ao universo cultural do samba: primeiro como autor e intérprete de mais de 350 composições musicais; depois, como

pesquisador das origens, desenvolvimento e significado histórico-cultural do samba na cultura popular brasileira¹.

Nei Lopes é autor de títulos que são hoje referência obrigatória para o entendimento do papel estruturante dos povos negros em nossa formação social. O livro *Bantos, malês e identidade negra*, publicado em 1988, foi o primeiro a identificar a centralidade das culturas de matriz banto na sociedade brasileira, estabelecendo também novos parâmetros para a relação entre islamismo e negritude. Sobre a originalidade e a interpretação inovadora deste livro, Abdias Nascimento, a mais destacada liderança negra do país escreveu, no prefácio da primeira edição:

Com o livro de Nei Lopes, o importante segmento banto começa a merecer justiça depois de tantos séculos de subestíma, fruto da ignorância e dos desvios dos chamados estudiosos da nossa realidade antropológica. Aliando seu talento de compositor e cantor de música negra à curiosidade do pesquisador e à responsabilidade do professor, Nei Lopes se situa como uma figura múltipla e impar entre os negros brasileiros contemporâneos que com garra e competência estão mudando a face deste país rumo à construção de uma sociedade nova onde a justiça, a democracia e a igualdade não sejam apenas retórica de demagogos. Este livro é um significativo testemunho do que estamos afirmando.

O reconhecimento das matrizes linguísticas, étnico-raciais e culturais dos povos de origem banto tornou-se um dos pontos recorrentes de sua atuação como investigador. Merece destaque o *Dicionário Banto do Brasil*, lançado originalmente em 1996, em que, após minuciosa e detalhada pesquisa de caráter linguístico, estabeleceu inúmeras correspondências etimológicas do português falado no Brasil com suas matrizes africanas, numa efetiva contribuição aos estudos da lexicografia de africanismos em nossa língua.

De acordo com o seu biógrafo, Oswaldo Faustino, na ocasião do lançamento desta obra, ela foi ignorada pelo meio acadêmico. Alguns chegaram mesmo a afirmar que se tratava de trabalho de “gente sem qualificação e amadora”, e que “os estudos africanos no Brasil estavam virando uma bagunça” (FAUSTINO, 2009) – termo, aliás, também de origem africana... As coisas mudaram quando o reconhecido e aclamado lexicógrafo Antônio Houaiss enviou um

¹Informações obtidas no texto do jornalista Oswaldo Faustino, “Nei Lopes – Breve biografia”, fornecido pelo autor e anexado ao processo administrativo que tramitou na Universidade para a outorga do título de Doutor Honoris Causa. Para uma visão mais aprofundada, ver, do mesmo autor, o livro *Nei Lopes (Retratos do Brasil Negro)*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2009.

bilhete a Nei, com o timbre da Academia Brasileira de Letras, pedindo um exemplar do livro, que considerava como um “notável passo a frente na pesquisa lexicográfica de africanismos entre nós e que vai ser sempre consultado pela equipe que colabora comigo na elaboração do Grande Dicionário da Língua Portuguesa” (HOUAISS, 1997). De fato, neste que é considerado um dos mais completos dicionários produzidos em nosso país, pelo menos 350 interpretações lexicais de bantuísmos tem origem nas pesquisas de Nei Lopes.

Após a promulgação da Lei Federal nº 10.639/2003, passou a dar atenção ao trabalho de preparação de material de difusão de conhecimento acerca de fatos, pessoas, lugares, ideias e conceitos que integram a experiência das populações negras no Novo Mundo. Uma contribuição essencial nessa direção foi dada na *Enciclopédia brasileira da diáspora africana* (2005). Resultado de anos de pesquisa, esta obra contém cerca de 9.000 verbetes sobre os mais variados aspectos da história e cultura dos afro-brasileiros em conexão com os demais povos da diáspora afro-americana. Trata-se de material indispensável a qualquer pesquisador que deseja conhecer as tradições, festas e rituais, literatura, arte e demais criações culturais afro-americanas, embora nos meios acadêmicos continue a ser daquelas obras sempre consultadas, mas nunca, ou raramente, citadas. Um, entre outros exemplos, daquilo que se tem chamado de “racismo epistemológico”².

Com intuito similar, e a partir dos resultados obtidos em pesquisa criteriosa, preparou especificamente para professores e estudantes de ensino fundamental e médio um *Dicionário escolar afro-brasileiro* (2006) e *O racismo explicado aos meus filhos* (2007) e *História e cultura africana e afro-brasileira* – ganhador do Prêmio Jabuti na categoria de melhor obra paradidática em 2009. São obras escritas em linguagem simples, dirigida ao cidadão comum, com conteúdo apresentado de modo sucinto e direto, gerando um panorama muito vivo da presença negra e dos obstáculos colocados pelo “racismo à brasileira”. O resultado é que, com tais obras, ele dá visibilidade ao “invisível”.

Em outra acurada pesquisa de base didática, elaborou em 2011 o *Dicionário de Antiguidade africana*, onde se pode encontrar as bases históricas que atestam a centralidade, anterioridade e originalidade das civilizações africanas antigas tendo por eixo o modelo

² Sobre as implicações raciais do meio acadêmico, ver: (CARVALHO, 2006).

civilizacional egípcio, tal qual preconizaram o senegalês Cheikh Anta Diop e o congolês Théophile Obenga – teóricos do afrocentrismo.

Tive a honra e a satisfação pessoal de me aproximar de Nei Lopes nesta sua empreitada de dicionarização da história e cultura africana. Embora só ontem eu o tenha conhecido pessoalmente, há mais de três anos mantemos uma ativa parceria intelectual, toda ela mantida através de e-mails e telefonemas - essas ferramentas essenciais do mundo contemporâneo - que resultou na publicação, em maio deste ano pela Editora Autêntica, do *Dicionário de História da África* (séculos VII-XVI). Em resenha desta obra Omar Ribeiro Tomaz, pesquisador de História Social da África do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, tece o seguinte comentário:

Não há propriamente uma tradição de dicionários e enciclopédias históricas (sobre a África) no campo editorial brasileiro, na contramão de outros contextos como o britânico ou o português, onde constituem um gênero que traduz verdadeiros debates historiográficos – pensemos apenas na *Africana: The encyclopedia of the african and african american experience*, editada por Anthony Appiah e Henry Louis Gates (2003). A publicação do *Dicionário de história da África – séculos VII a XVI* revela um momento decisivo de um extraordinário esforço daqueles que se dedicam aos processos próprios desse continente entre nós e corresponde ao que se espera da melhor historiografia: erudição, bela escrita e um exemplo de justiça (THOMAZ, 2017).

A motivação e engajamento intelectual ao longo de tanto tempo de pesquisa, leitura e escrita de livros confere a Nei Lopes posição de destaque no meio intelectual, mas sua popularidade e reconhecimento público é maior na carreira como letrista, compositor e intérprete de samba. Em tom de brincadeira ele explica essa situação ao dizer que: “*em minha casa quem paga as contas do intelectual é o sambista*”!

Nei cresceu no ambiente natural do samba! Desde criança vivenciou a musicalidade experimentada pelos membros de sua família na escola de samba denominada Grêmio Recreativo Pau-Ferro. Na juventude e vida adulta, participou de duas importantes Escolas de Samba no Rio de Janeiro: como membro da ala de compositores da *Acadêmicos do Salgueiro*, e na diretoria da *Unidos de Vila Isabel*. Participou também ativamente nos primeiros tempos de existência do *Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo*, escola de samba

fundada, entre outros, por Antônio Candeia Filho, Mestre Darcy do Jongo e Wilson Moreira. Junto com este último ele criou os sambas-enredos cantados nos tempos iniciais desta escola, e o seu primeiro samba-enredo, *Ao povo em forma de arte*, tornou-se um clássico do gênero, com várias gravações, a começar pelas de Candeia e de Martinho da Vila.

No depoimento gravado para o premiado documentário *Abolição*, de Zózimo Bulbul, em 1988, Nei qualifica este momento de recuperação da pujança do samba como o resultado de uma atividade “guerrilheira” – em referência ao processo de descaracterização a que este gênero musical foi submetido. Neste contexto, encontra-se entre os grandes protagonistas da retomada de formas tradicionais da música negra brasileira, como o Choro e o Samba de Breque, o Samba Enredo, Samba Rock, Samba Canção, a Gafieira, o Samba de Roda e principalmente o Samba de Partido Alto - marcado pela criação coletiva, capacidade de adaptação e invenção contínua e de improvisação dos intérpretes, tudo isso em meio a uma atitude de profundo respeito aos elementos herdados da tradição dos integrantes da Velha Guarda.

Mas sua potencialidade criativa vai muito além. Situado pelo respeitado crítico musical Tárík de Souza entre os maiores compositores brasileiros de todos os tempos, entre as canções inéditas e gravadas conjugam-se qualidade, quantidade e diversidade formal e estética, atributos reservados a poucos e raros, com músicas também vinculadas ao Maracatu, Xiba, Toada, Congada, Calango, Afoxé, Curimba, Coco, Merengue, Lundu, Jongo e o Semba - de origem angolana.

Em sua carreira profissional como cantor e compositor Nei estabeleceu diversas e frutuosas parcerias nos principais quadrantes da Música Popular Brasileira. Entre seus parceiros estão Dona Ivone Lara, João Nogueira e Wilson das Neves, João Bosco, Martinho da Vila, Mauricio Tapajós, e os pagodeiros Almir Guineto e Arlindo Cruz. Mas o mais importante parceiro foi Wilson Moreira, com quem protagonizou uma das mais bem sucedidas parcerias da história do samba. Dos vários álbuns que gravaram juntos, um deles tornou-se antológico para os apreciadores de Música Popular Brasileira. Trata-se de *A Arte negra de Wilson Moreira e Nei Lopes*, lançado em 1980, que é considerado um divisor de águas na evolução artística do samba. Outros ritmos e estilos populares, inclusive afro-latinos, estão incorporados no álbum *Partido ao cubo*, indicado ao Grammy Latino em 2005. Intérprete de suas obras, muitas delas vieram a ser cantadas por expoentes da Música Popular Brasileira, como Alcione, Chico

Buarque, João Bosco, Milton Nascimento, Clara Nunes, Roberto Ribeiro, Dudu Nobre, Zezé Motta, Zeca Pagodinho, entre outros.

Aliando suas qualidades artísticas ao espírito de pesquisador, Nei Lopes dedicou atenção especial a história do samba carioca e às vivências a ele associadas. Sua primeira publicação, de 1981, foi o ensaio intitulado *O samba, na realidade: a utopia da ascensão social do sambista*. Muito tempo depois, elaborou uma obra pioneira publicada em parceria com o pesquisador Luiz Antônio Simas, que é o *Dicionário da História social do samba* (2015) – obra vencedora do 58º Prêmio Jabuti na categoria Teoria/Crítica Literária, Dicionários e Gramáticas.

Como autor de obras de literatura, Nei Lopes assina livros de diversos gêneros literários, sobretudo contos, crônica e poesia, e é romancista. Em geral, os assuntos retratados em suas obras dizem respeito às experiências da periferia carioca, os anseios populares e tramas do cotidiano das camadas sociais menos favorecidas. Seu mais recente livro, *Nas águas desta baía há muito tempo*, é uma coletânea de contos ambientados no Rio de Janeiro no final do século XIX, com suas ruas, morros e praias por onde circulam personagens reais, como Lima Barreto, Anacleto de Medeiros e a bailarina Luz del Fuego, ou fictícios, como Valonguinho, o negro que virou santo.

Sua obra poética remonta aos anos 1960, quando os primeiros poemas foram publicados em jornais, e depois na *Revista Civilização Brasileira* (1966), a pedido do então diretor responsável do periódico, Manuel Cavalcanti Proença. O crítico inglês David Brookshaw, especialista em literatura negra, no livro *Raça e cor na literatura brasileira* (Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983), vê em Nei Lopes o grande poeta da negritude no Brasil. Data de 1996 a reunião de um extenso repertório poético, no volume intitulado *Incursões sobre a pele*. Mas a obra completa só viria a ser reunida na coletânea *Poética*, publicada em 2013 pela Mórula Editorial.

Embora o conjunto desta poderosa contribuição artístico-cultural e intelectual tenha sido subestimada nos meios acadêmicos por longo tempo, o valor e originalidade do pensamento de Nei Lopes fizeram dele uma personalidade pública de prestígio fora e dentro da academia. Tal reconhecimento se verifica na quantidade de dissertações e teses dedicadas ao exame da obra artística, literária e científica, que resultaram na publicação de obras como a de Cosme Elias. *O samba de Irajá e de outros subúrbios: um estudo da obra de Nei Lopes* (Rio de Janeiro: Pallas,

2005). Mais recentemente, merece destaque a tese de doutorado em Literatura Comparada defendida pela destacada pesquisadora e escritora negra Conceição Evaristo, na Universidade Federal Fluminense, em 2011, onde são analisadas as afinidades linguísticas e poéticas entre a obra de Agostinho Neto e a de Nei Lopes, com a finalidade de identificar enunciados comuns e processos comuns de criação usados ao nível da linguagem por escritores que compartilham a experiência da herança de processos de colonização e escravização. E há poucos meses foi lançado o livro da pesquisadora Miriam Carvalho, da UFRJ, intitulado *O espírito afro-latino na poesia de Nei Lopes* (Scortecci Editora, 2017).

Em síntese, na avaliação de seu biógrafo, Oswaldo Faustino, do conjunto desses estudos é possível dizer que a obra de Nei Lopes segue em três vertentes distintas que se encontram e se complementam: a **carioca**, dedicada ao retrato cotidiano do subúrbio do Rio de Janeiro; a da **identidade negra**, que resulta de sua busca para conhecer, compreender e divulgar tudo o que se refere a esta parte fundamental de sua origem; e a da **memória**, em que se dedica ao resgate das origens populares da cultura brasileira.

Durante a preparação do dossiê que fundamentou a indicação deste título de *Doutor Honoris Causa* a Nei Lopes, dezenas de docentes e pesquisadores(as) vinculados(as) as mais diversas instituições foram consultados(as) e apoiaram de imediato a iniciativa da UFRGS. Entre eles estão nomes estelares, como os(as) professores(as) titulares João José Reis, da UFBA; Muniz Sodré e Flávio dos Santos Gomes, da UFRJ; Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Professora Emérita da UFSCAR e Conselheira da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, relatora do Parecer que estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura afro-brasileira e africana. Além desses, a indicação foi apoiada pela renomada intelectual Elisa Larkin Nascimento, Presidenta do IPEAFRO - Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros; pelos(as) pesquisadores(as) Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, Marina de Mello e Souza e Reginaldo Prandi, da USP; Marcelo Paixão e Sheila Walker, da Universidade do Texas. Mas ninguém expressou de modo mais eloquente quem é Nei Lopes e o que caracteriza sua vida pública do que Alberto da Costa e Silva, antigo embaixador brasileiro em Portugal, Colômbia, Nigéria e Benin, poeta, escritor e pesquisador vinculado há décadas à Academia

Brasileira de Letras, considerado afetuosamente como o patrono dos estudos africanos feitos no Brasil. Eis o seu depoimento, na íntegra:

Se o partirmos em vários pedaços, cada um deles continuará a ser um Nei Lopes inteiro. Um outro e o mesmo Nei Lopes, esteja, de microfone na mão, a interpretar, à frente de um conjunto orquestral, uma das centenas de músicas de sua autoria, ou, sentado diante de sua escrivadinha, a rastrear, numa pilha de livros, os caminhos percorridos por um vocábulo quicongo, quimbundo ou umbundo até o português que falamos no Brasil, ou a refazer em enredos de romance o que se sabe do passado do samba, ou a desfiar com segurança a rica e surpreendente história dos subúrbios cariocas, ou a redigir e inventariar os verbetes de uma preciosa Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana ou de outra de suas várias e utilíssimas obras de referência, ou, ainda, a deixar-se ser o poeta que é, de versos diretos, muitas vezes cortantes, nos quais não é incomum que os adjetivos se substantivem. Quer entregue a uma dessas tarefas, ou a dar forma a um de seus numerosos livros para crianças e adolescentes, ou a difundir os resultados de seus estudos sobre os africanos como coformadores do Brasil, Nei Lopes se autodesenha múltiplo na plenitude dos talentos, permanecendo, porém, uno e inteiro nas lições de apego aos saberes populares e na fidelidade aos valores com que entretetece a sua vida e a tornam um combate incansável em favor do negro e contra tudo que sobre esse pesa ou o persegue (CAVAQUINHO; BRITO).

É esse, Magnífico Reitor, prezados(as) colegas, Senhoras e Senhores, quem homenageamos hoje com a concessão do segundo título de *Doutor Honoris Causa* - pois um primeiro lhe foi outorgado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em 2012.

Mas essas são honrarias e distinções do modelo universitário europeu. Nem mais e nem menos que Doutor, Nei Lopes é Mestre de conhecimentos profundos da sabedoria africana ancestral, que retratou de modo categórico em seu livro *Kitabu: o livro do saber e do espírito negro-africanos*, dirigido a babalorixás, ialorixás, sacerdotes e sacerdotisas de umbanda, batuque e outras manifestações religiosas de matriz africana.

Seu envolvimento com o universo religioso começou a ocorrer nos anos 1970, quando se aproximou do candomblé. Primeiro, foi suspenso ogã, em 1977. Começou a ser iniciado nos mistérios da tradição iorubá por ninguém menos do que Deoscorides Maximiliano dos Santos, um dos maiores sacerdotes afro-brasileiros, mais conhecido como Mestre Didi. Desde este tempo fez assentamento em sua descendência espiritual a Logunedé, orixá cultuado na região de Ijexá, Nigéria. Sobre esta divindade, aliás, dedicou um livro publicado em 2000 pela Editora Pallas. No final dos anos 1990, aproximou-se das tradições cubanas de Ifá, a divindade do saber

e do conhecimento, aí redirecionando suas práticas rituais. Recentemente iniciou-se no aprendizado da interpretação dos *odus*, fontes dos saberes e segredos milenares vinculados ao Culto de Ifá-Orunmilá – tema sobre o qual se debruça neste momento, sob firme orientação religiosa.

Esta enorme capacidade criativa em tantas esferas e âmbitos do conhecimento; esta originalidade, qualidade acadêmica e relevância social da contribuição intelectual e artística da obra de Nei Lopes só recentemente tem sido objeto de reconhecimento nos meios oficiais e acadêmicos. Entre os prêmios, títulos e homenagens a ele concedidas, estão, entre outras:

- Condecoração com a Ordem do Mérito Cultural, no grau de Comendador, outorgada pelo Ministério da Cultura (MINC) em 2005.
- Medalha Tiradentes, outorgada pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.
- Título de *Doutor Honoris Causa* outorgado em 2012 pela UFRRJ.

Por tudo isto, Magnífico Reitor, entendemos que a presente cerimônia de outorga do título de *Doutor Honoris Causa* a Nei Lopes dignifica ainda mais a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que, ao fazê-lo, confirma sua vocação como espaço de reflexão, produção qualificada e excelência acadêmica, espaço aberto aos interesses sociais, em diálogo com o que há de melhor e de mais comprometido com a busca da verdade, justiça, igualdade e respeito ao princípio estruturante da diversidade cultural e étnico-racial – dentro e fora de nossos muros.

E quanto a nós, caro parceiro, seguimos os versos da conhecida canção de Nelson Cavaquinho:

“Sei que amanhã
Quando eu morrer
Os meus amigos vão dizer
Que eu tinha um bom coração.

Alguns até hão de chorar
E querer me homenagear

Fazendo de ouro um violão

Mas depois que o tempo passar
Sei que ninguém vai se lembrar
Que eu fui embora.

Por isso é que eu penso assim
Se alguém quiser fazer por mim
Que faça agora.

Me dê as flores em vida
O carinho, a mão amiga,
Para aliviar meus ais.

Depois que eu me chamar saudade
Não preciso de vaidade
Quero preces e nada mais!” (CAVAQUINHO; BRITO, 1973).

Referências bibliográficas

CAVAQUINHO, Nelson; BRITO, Guilherme. “Quando eu me chamar saudade”. Album: *Nelson Cavaquinho*. Gravadora Odeon, 1973.

CARVALHO, José Jorge de. “O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro”. Revista USP, nº 68, 2006: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13485> (acesso em 18/11/2017)

COSTA E SILVA, Alberto da. Correspondência em 05/08/2016. Arquivo do autor.

FAUSTINO, Oswaldo. *Nei Lopes: retratos do Brasil Negro*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

THOMAZ, Omar Ribeiro. “Um exercício de justiça (Dicionário de História da África: séculos VII-XVI)”. *Revista Pesquisa FAPESP* (nº 259): <https://revistapesquisa.fapesp.br/2017/09/22/um-exercicio-de-justica/> (acesso em 18/11/2017).